



TRABALHANDO A ALTERIDADE A PARTIR DA DIVERSIDADE CULTURAL E RELIGIOSA: A QUESTÃO DO VEGETARIANISMO¹

Marcelo Henrique Violin²
Talita do Lago Anunciação³

INTRODUÇÃO

“Inclusão/exclusão e juventude(s)”, o tema geral proposto para a terceira jornada de humanidades do colégio Aplicação em Londrina nos forneceu a gratificante possibilidade de trabalhar com alunos do ensino médio temáticas muito especiais e peculiares para nosso percurso acadêmico e existencial. O estudo de fenômenos sociais ligados as juventude(s) a partir das metodologias das Ciências Sociais e História das Religiões sempre foi algo presente em nossas trajetórias. Nesse sentido, a escolha dos objetos a serem abordados na oficina do colégio Aplicação não poderia se dar de forma diferente.

Escolhemos iniciar a oficina partindo da definição de Alteridade elaborada por François Laplantine (2006). O objetivo geral do uso desse conceito foi apresentar aos jovens a idéia de que a inclusão social só é possibilitada a partir da aceitação plena do outro. Essa escolha conceitual para orientar os rumos da oficina também nos possibilitou a oportunidade de expor outros conceitos sociológicos, como o de desnaturalização e estranhamento, e ainda, ilustrá-los a partir de temáticas familiares aos nossos estudos, porém não muito convencionais dentro dos conteúdos trabalhados cotidianamente em sala de aula.

¹ Este artigo será também publicado no livro “Práticas E Reflexões de Metodologias de Ensino e de Pesquisa do Projeto Prodocência da UEL” (*no prelo*), conforme autorização dos autores e dos membros do Projeto Prodocência/Uel.

² Graduado em História pela UEL- Universidade Estadual de Londrina (2009). CONTATO: marcelo_violin@hotmail.com

³ Graduada em Ciências Sociais pela UEL – Universidade Estadual de Londrina (2010). CONTATO: talita_lago@hotmail.com

Tendo em vista que a compreensão de um conceito abstrato só se dá de maneira mais profunda através de sua ilustração e relação com algum fenômeno social concreto, proporcionamos aos alunos um maior conhecimento sobre o Movimento Hare Krishna ou Vaishnavismo. A partir do uso das ferramentas fornecidas pela História e Ciência das Religiões apresentamos as especificidades desse movimento religioso. A partir de nossas experiências como professores, já contávamos com a possibilidade de espanto de alguns alunos em relação as tradições e valores indianos. Nesse sentido, nos preparamos para que essa reação dos alunos fosse usada para mostrar a eles que o exercício da alteridade é necessário na medida em que, muitas vezes, o que nos é familiar é visto como algo normal ou natural, ou seja, valores culturais institucionalizados e hegemônicos, e o que nos é desconhecido é considerado extravagante e estranho.

A partir daí, auxiliados pelo conceito de alteridade de Laplantine (2006), procuramos deixar claro para os alunos que a nossa cultura é apenas uma entre as infinitas possibilidades de expressões culturais ao redor do globo e que, assim como podemos observar a cultura do outro sob uma ótica preconceituosa e considerá-la exótica ou inimaginável, podemos também estranhar e desnaturalizar⁴ nossa própria cultura. Para aprofundar a compreensão desses dois conceitos tão importantes dentro das ciências sociais –estranhamento e desnaturalização– procuramos ilustrá-los a partir de uma característica cultural específica do Movimento Hare Krishna: o vegetarianismo.

A abordagem mais específica desse assunto não se deu ao acaso, enquanto estudiosos do tema e professores de Ensino Religioso, História e Sociologia, do ensino fundamental e médio da rede pública em Londrina, procuramos sempre abordar esse fenômeno em sala de aula, relacionando-o aos conteúdos sugeridos para cada disciplina. Sendo assim, compartilhamos de inúmeros relatos e experiências acerca da percepção dos alunos em relação ao hábito de comer carne. A grande maioria dos jovens para quem já ministramos aulas e oficinas sobre esse tema, em primeira instância, mostraram-se irredutíveis e indispostos a discutir um hábito considerado comum e “normal” em seus cotidianos. Quando apresentados ao

⁴ A ideia de desnaturalização pode ser concebida como um processo de estranhamento no qual os valores arraigados de uma cultura tornam-se passíveis de serem desconstruídos a partir de experiências capazes de desestabilizar o valor referencial instituído outrora como natural.

Movimento Hare Krishna, tradição religiosa que pratica o vegetarianismo, na maioria das vezes, ridicularizam o fato dos devotos não comerem carne ou se vestirem de maneira diferente.

Nesse sentido, procuramos percorrer o caminho inverso desse assombro que a cultura alheia lhes causa e mostramos que os nossos próprios hábitos, considerados naturais e corriqueiros, também podem ser estranhados e desnaturalizados. Assim, em nossa oficina na jornada de Humanidades no colégio Aplicação, seguimos esse mesmo roteiro e buscamos orientar os alunos rumo a um reflexão que os fizessem observar o hábito de comer carne a partir da ótica do estranhamento e da desnaturalização. Para tanto escolhemos como recurso audiovisual, a exibição do documentário “A Carne é Fraca” que aborda a questão do vegetarianismo a partir da argumentação de inúmeros profissionais, entre eles, sociólogos e filósofos. O vídeo demonstra que o alto consumo de carne no Brasil é um fator cultural que pode ser analisado a luz de novos paradigmas, muitas vezes, desconhecidos entre os consumidores de carne.

A partir desse itinerário elaborado para a oficina procuramos demonstrar aos alunos toda a extensão do conceito de alteridade encontrado na obra de Laplantine (2006). Buscamos mostrar que apesar do grau de abstração necessário para a compreensão de uma definição sociológica, sua relação com fenômenos do nosso cotidiano é possível e fundamental. A partir do olhar minucioso sobre nossos próprios hábitos, da desnaturalização de nossos valores e conhecimento profundo de nossos costumes, podemos compreender as expressões culturais alheias sob a ótica da aceitação e da inclusão. Dessa forma, a proposta geral da oficina foi levar os jovens da inquietação e da perplexidade, gerada a partir do contato com o diferente, ao reconhecimento de que o menor de nossos comportamentos nada tem de natural ou evidente.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Nossa oficina na “III jornada de humanidades do colégio Aplicação” aconteceu no dia 2 de maio de 2011 no período da manhã. Nesse dia falamos para alunos do 1º ano do ensino médio que tiveram a oportunidade de, a partir do título

das oficinas, escolher a palestra que assistiriam. Preparamos a sala de aula antes da entrada dos alunos, na lousa escrevemos o título da oficina “Trabalhando a alteridade a partir da diversidade cultural e religiosa: a questão do vegetarianismo” e também a definição de alteridade:

A experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) leva-nos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos ‘evidente’. Aos poucos, notamos que o menor dos nossos comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de ‘natural’. Começamos, então, a nos surpreender com aquilo que diz respeito a nós mesmos, a nos espiar. O conhecimento (antropológico) da nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única.” (Laplantine, 2006, p. 36).

Após a entrada e acomodação dos jovens, nos apresentamos e iniciamos uma conversa, indagando-os sobre o conceito de alteridade e se algum deles sabia explicar o significado dessa palavra. Alguns responderam já ter “ouvido alguma coisa sobre” mas nenhum deles soube relacionar a palavra a seu conceito. Pedimos a um deles que lesse a definição conceitual escrita na lousa e fizemos uma explanação interpretativa acerca das palavras de Laplantine. Em seguida, realizamos uma nova rodada de questionamentos, perguntamos à eles “se um indivíduo que frequenta óperas e teatros possui mais cultura do que um jovem que participa de bailes funks”; “se eles possuíam algum tipo de preconceito”; “se eles respeitavam a diversidade cultural” e “se eles consideravam seus hábitos mais corriqueiros como algo cultural ou natural”.

O momento que sucedeu essas indagações foi marcado por uma produtiva desordem, alguns alunos se manifestaram e colocaram suas opiniões sobre a temática discutida. Parte deles afirmou que todas as pessoas, independente de seus gostos musicais, possuíam cultura e apenas uma pequena minoria declarou o contrário. Sobre a questão da diversidade cultural as respostas foram unânimes, todos que participavam do debate afirmaram não possuir nenhum tipo de preconceito e respeitar amplamente as diferenças ao seu redor. Sobre o questionamento em relação aos hábitos cotidianos, como escovar os dentes,

preocupar-se com a estética ou consumir carne, grande parte da turma afirmou considerar essas práticas como naturais em seu dia-a-dia e induzidos a refletir sobre como seria uma vida sem esses costumes, alguns alunos afirmaram “é impossível viver de outro jeito” ou “é normal viver assim”.

Aproveitamos a brecha obtida através do debate entre os estudantes para aprofundar ainda mais a reflexão sobre a questão das reações humanas perante o familiar e o desconhecido e também sobre a possibilidade de estranhamento de nossos próprios hábitos, vistos por grande parte deles, como “normais ou naturais”. Entregamos a eles cópias de uma adaptação do texto Ritos Corporais entre os Nacirema, de Horace Miner (1973). Entre outras pequenas adaptações ao longo do texto, mudamos o título para “Ritos Corporais entre os Sesneanarap”.

O texto de Horace Miner apresentou-se como uma proposta didática muito interessante para auxiliar a discussão conceitual proposta para a oficina. O autor narra, através de uma descrição ornamentada, inúmeras práticas e costumes americanos sempre tratando esse povo por Nacirema (american, lendo ao contrário). Os costumes relatados no texto estendem-se a toda cultura ocidental capitalista e, nesse sentido, alteramos o título para “Sesneanarap” (paranaenses, ao contrário) para que a identificação dos alunos com as informações lidas fosse maior. No decorrer do texto, os leitores são levados a estranhar práticas comuns e cotidianas como o ato de fazer a barba, secar os cabelos ou pagar por uma consulta médica.

[...] uma parte específica dos ritos corporal que é desempenhada apenas por homens. Esta parte do rito envolve raspar e lacerar a superfície da face com um instrumento afiado. Ritos especificamente femininos têm lugar apenas quatro vezes durante cada mês lunar, mas o que lhes falta em frequência é compensado em barbaridade. Como parte desta cerimônia, as mulheres usam colocar suas cabeças em pequenos fornos por cerca de uma hora. O aspecto teoricamente interessante é que um povo que parece ser preponderantemente masoquista tenha desenvolvido especialistas sádicos. (MINER, HORACE, 1976, p.47).

A reação dos alunos após a leitura do texto foi bastante interessante e auxiliou-nos a atingir os objetivos de nossa proposta de reflexão. Os comentários sobre “a tribo dos Sesneanarap” foram diversos e, na maioria das vezes, revelavam o espanto e a perplexidade em relação aos hábitos daquele povo. Após ouvirmos

vários estudantes afirmarem que “aquele povo era bizarro”, “louco”, “estranho”, entre outros adjetivos que denotavam assombro, pedimos a eles que lessem o título “Sesneanarap” ao contrário. A reação de surpresa foi ainda maior ao descobrirem que não estavam lendo sobre uma tribo indígena de um lugar muito, muito distante, mas sim sobre eles mesmos, os paranaenses.

Em seguida, iniciamos uma interpretação conjunta do texto, indagando-os e revelando, a cada parágrafo, a qual de nossas práticas culturais o autor do texto estava se referindo. Nesse momento, após murmúrios de espanto e admiração, prosseguimos justificando o motivo da leitura do instigante texto de Miner. Procuramos tornar claro que apesar de muitos deles afirmarem não possuir preconceitos e respeitar a diversidade cultural, ao manterem contato com o texto, mostraram-se chocados e indispostos a aceitar e compreender de maneira respeitosa que um grupo humano vivia de maneira “tão exótica”. Buscamos provocar a reflexão sobre o fato de que apesar de grande parte deles afirmar que os hábitos por eles praticados no dia-a-dia são “normais/naturais”, quando descritos de forma diferenciada e a partir de uma linguagem primorosa podem ser desnaturalizados e estranhados.

Em seguida, apresentamos a eles o roteiro da oficina e explicamos que no próximo momento de nossa exposição proporíamos um segundo exercício de alteridade e estranhamento: observar uma manifestação cultural distante de sua realidade e também um hábito cultural presente em seu dia-a-dia. Informamos os alunos que apresentaríamos, a partir do olhar da Ciência da Religião, uma tradição religiosa indiana, o Movimento Hare Krishna e também um documentário que os faria refletir sobre o consumo de carne. Expusemos que a abordagem do conceito antropológico de alteridade no início da oficina se fez necessária para que, ao tomarem conhecimento de uma expressão cultural diferente, eles pudessem recontextualizar o sentido do termo diferença. Para que ao invés de encará-lo como algo estranho ou bizarro, pudessem tomar as diferenças como expressões da rica capacidade humana de se diversificar culturalmente. E que, nesse sentido, pudessem também observar sua própria cultura a partir dos pressupostos da desnaturalização, enxergando que seus hábitos e práticas não são naturais ou normais, mas advém de um contexto sociocultural.

Para explanarmos acerca do Movimento Hare Krishna, de maneira profunda e científica, baseamo-nos em pressupostos da Ciência da Religião. De acordo com Hans-Jurgen Greschat (2005), para conhecer uma religião estrangeira é necessário possuir muita dedicação, paciência e paixão. Desse modo, o observador obterá sucesso na aproximação e alcançará uma grande relação com seu objeto de estudo.

Segundo Greschat (2005), outro ponto importante é como o objeto religião se apresenta ao observador. Partindo de um olhar externo o objeto apresenta ambigüidade na medida em que a religião nos atrai ou repele. A reação ao objeto religião por parte dos observadores depende também do lugar e da época de suas existências, além disso, preferências e aversões podem influenciar a avaliação de um fato religioso, assim como a crença do observador. Entretanto, pelo fato de existir, o objeto religião é um objeto de estudo e está onde os seres humanos estão. Sendo assim, cientistas que analisam o ser humano, como indivíduo ou ser social, encontram-se com o objeto religião; mas olham-no parcialmente, de acordo com as determinadas perspectivas de suas disciplinas.

Os cientistas da religião encaram seu objeto de maneira diferente dos observadores casuais e da visão profissional de outros cientistas. Cientistas da religião vêem o objeto “religião” como uma totalidade, reconhecem que essa totalidade apresenta-se de maneira quádrupla: como comunidade, como sistema de atos, como conjunto de doutrinas ou como sedimentação de experiências; e que está viva e não para de se transformar. Especificamente além de ter uma dimensão visível a religião tem também uma dimensão invisível no que diz respeito ao “transcendente”, “espiritual” ou “divino”. Desse modo, enquanto cientistas de outras áreas ignoram essa dimensão sem que isso interfira nos resultados, os cientistas da religião não podem negar o transcendente, pois não iriam levar os fiéis a sério e se portariam de maneira arrogante em relação a eles. (GRESCHAT, 2005).

Segundo Greschat (2005), a Ciência da Religião firmou-se sobre duas bases: a “história da religião” e a “Fenomenologia da Religião”. Os historiadores da religião analisam religiões singulares, estudam religiões de maneira longitudinal, realizando cortes longitudinais dentro de uma religião particular, reconstruindo o desenvolvimento de um objeto religioso entre dois pontos de seu contínuo histórico. A fenomenologia da religião ou ciência comparada da religião realiza cortes

transversais que percorrem várias religiões objetivando investigar um traço universal. A maioria dos cientistas da religião trabalha nas duas áreas da disciplina.

Historiadores da religião, além de questionarem como algo surgiu e evoluiu, investigam também a tensão entre aquilo que um objeto religioso pretende apresentar e o que realmente é além de estudarem o impacto da religião em adeptos individuais e em grupos de fiéis; há pesquisadores que querem prognosticar tendências futuras e seus problemas. Portanto, deve-se compreender bem o termo “história da religião”, pois não se trata de um tipo de arqueologia; embora tenha sido praticada dessa maneira por muito tempo, atualmente se ocupa mais com o presente e com religiões vivas do que com o passado e com religiões extintas. (GRESCHAT, 2005)

Um ponto que pode ser considerado crucial para a Ciência da Religião é que devemos observar uma religião com empatia, bem como seus adeptos. Wilfred Cantwell Smith, cientista da religião canadense, aborda o objeto de maneira inovadora, numa atitude que atinge tanto o objeto pesquisado quanto o sujeito pesquisador, defendendo uma aproximação mais pessoal, superando assim as limitações de um estudo impessoal e frio, Smith chama essa abordagem de “personalização” da Ciência da Religião.

Nesse sentido, considerando tais referenciais teórico-metodológicos, iniciamos a exposição sobre o Movimento Hare Krishna evidenciando suas principais características. Explicamos que essa religiosidade desenvolveu-se na Índia e foi trazida para o ocidente por Bhaktivedanta Swami Prabhupada. A cosmogonia desse movimento possui especificidades culturais bastante diferenciadas dos valores e tradições presentes na cultura brasileira e, em primeira instância, exige que seu observador ocidental analise-a a partir de uma ótica de respeito e compreensão. A consciência de Krishna é uma filosofia que busca a transcendência, a espiritualidade, a conexão com Deus, nesse sentido, orienta seus devotos rumo a uma vida simples e afastada dos pressupostos capitalistas e materialistas.

O Vaishnavismo, popularmente conhecido como Movimento Hare Krishna, baseia-se em escrituras sagradas da Índia antiga, conhecidas como Vedas. Originalmente o conhecimento védico foi compilado através do sânscrito, um idioma milenar. Segundo PRABHUPADA (1981), a raiz verbal de veda pode ter várias

interpretações, mas o objetivo é somente um, Veda significa conhecimento. Nesse sentido, os Vedas são o conhecimento original, não são compilações de conhecimento humano, eles vêm diretamente do mundo espiritual, do Senhor Krishna.

Em seguida, apresentamos aos alunos as duas teorias acadêmicas que datam o período de composição dos Vedas: A teoria do filólogo Max Muller e a teoria que o contesta e anula seus postulados. A idéia do autor presume que a cultura védica tem origem européia e foi introduzida na Índia através da invasão ariana por volta de 2000 a.C. Assim, o vaishnavismo é tido como uma influência cultural européia sobre os nativos da região da Índia que nesse período já possuíam 4000 anos de existência. Existem evidências precisas do eurocentrismo contido na teoria de Müller. O termo “arya”, usado por ele para designar os invasores europeus, em sânscrito não se relaciona com a questão racial, mas indica sabedoria, nobreza e santidade. Com a reformulação metodológica que desvincula a história dos encaixes do eurocentrismo, a teoria de Muller se mostrou infundada.

Descobertas arqueológicas do início do século XX encontraram traços da cultura védica com datação anterior à invasão ariana. Dessa forma, a afirmação de que a tradição védica chegou à Índia com os povos arianos apresenta-se inválida. Nesse momento, aproveitamos para colocar em pauta a questão do eurocentrismo e do etnocentrismo que marcaram a produção acadêmica acerca dos povos colonizados na América, na Ásia e na África.

Em seguida, iniciamos uma exposição sobre a origem da literatura védica de acordo com as bases do Movimento Hare Krishna. PRABHUPADA (1986), afirma que os Vedas são divididos em quatro partes: *Sama*, *Yajur*, *Rk* e *Atharva*. Com finalidade de esclarecimento, existem o épico histórico *Mahabharata* e os dezoito *Puranas* que explicam os quatro Vedas. O épico histórico *Ramayana* também abrange o conhecimento dos Vedas. Os *Upanisads* são partes dos quatro Vedas e os *Vedanta-sutras* representam a nata dos Vedas. Para sintetizar todas essas literaturas védicas, o movimento Hare Krishna aceita o *Bhagavad-Gita* como a essência dos *Upanisads* e a explicação preliminar dos *Vedanta-sutras*, é, portanto, a essência dos Vedas, uma vez que é falado pelo Senhor Sri Krishna, a Suprema Personalidade de Deus. Há também o *Srimad-Bhagavatan*.

Segundo a tradição Vaishnava, o Bhagavad-Gita foi falado por Krishna ao seu amigo e discípulo Arjuna há cerca de cinco mil anos, no campo de Batalha de Kuruksetra na Índia. Contém dezoito capítulos, é um grande livro de conhecimento espiritual. O movimento Vaishnava para a Consciência de Krishna afirma seguir os textos védicos como eles são e não alterar nada do que foi dito por Krishna. O conhecimento é passado de mestre para discípulo através da sucessão discipular iniciada por Krishna.

Prabhupada (1980), afirma que na Índia todos os mestres espirituais e escrituras aceitam Krishna como a Suprema Personalidade de Deus. Todas as autoridades reconhecem que Krishna é o Senhor Supremo e que quando Ele esteve presente neste planeta provou isso com suas atividades e opulências. Nesse sentido, para o Vaishnavismo, Krishna é a Suprema Verdade Absoluta e todos os seres vivos possuem relação eterna com Ele. Krishna é o proprietário supremo, o controlador supremo, onipotente, onisciente e onipresente, não há ninguém que O iguale ou que O supere, é pleno de poder, de riqueza, de fama, beleza, conhecimento e renúncia. Percebe-se, então, a noção monoteísta de um Deus que é eterno, conhece todas as coisas e com o qual se pode manter um relacionamento pessoal após a morte e a libertação da samsara (roda de mortes e nascimentos).

Segundo a tradição vaishnava, o conhecimento védico foi falado por Krishna, Deus, e vem sendo transmitido através da sucessão discipular. Pabhupada informa que com o passar do tempo a sucessão discipular foi rompida e há cinco mil anos Krishna veio a terra para restabelecê-la. Novamente esse método de transmissão do conhecimento foi interrompido e então Krishna adveio como o senhor Caitanya Mahaprabhu para restabelecê-la mais uma vez. Segundo o Movimento Hare Krishna, para compreender as manifestações de Krishna na terra é necessário considerar que sendo Deus, ele é um só, mas tem o poder de se expandir em diversas formas. Sri Krishna Caitanya, que apareceu no século XVI, na Índia, é uma das encarnações de Krishna que apareceu como um devoto puro, que veio para mostrar aos seres humanos como amar e servir a Deus.

Sri Krishna Caitanya Mahaprabhu espalhou o canto congregacional de Hare Krishna, o cantar do maha-mantra Hare Krishna. Segundo Prabhupada (2010), estamos atravessando a era de Kali-Yuga, que é uma era de desavenças e

hipocrisias, por isso, o Senhor Krishna prescreveu como método especial para se alcançar a compreensão espiritual o cantar de seu santo Nome através do mantra. Swami Prabhupada, visto pelo Vaishnavismo como um membro da sucessão discipular restabelecida pelo Senhor Caitanya, recebeu a missão de seu mestre espiritual Bhaktisiddhanta Sarasvati Thakura de ensinar a ciência de Krishna e o maha-mantra Hare Krishna aos povos ocidentais e traduzir os ensinamentos do Senhor Krishna para a língua inglesa.

Nesse momento, iniciamos uma explicação sobre o legado de Prabhupada que, seguindo as orientações de seu mestre, veio para o ocidente ensinar um dos princípios fundamentais do Movimento Hare Krishna, o bhakti-yoga, ou seja, o amor a Deus através do serviço devocional. Desembarcou nos Estados Unidos em 1965 com alguns trocados e seus livros, mas em pouco tempo fundou a sociedade internacional para a consciência de Krishna. Deu palestras em diversas partes do mundo e construiu uma confederação mundial de templos, comunidades rurais e escolas. A mensagem transmitida por Prabhupada dizia que em essência os seres vivos são almas espirituais eternas e que sua posição constitucional é servir e amar a Deus, alcançando a perfeição da vida.

Segundo Prabhupada (1983), todos os seres humanos são originalmente entidades conscientes de Krishna. Por causa do contato com a matéria desde tempos imemoriais, nossa consciência está poluída pela atmosfera material. Podemos tentar dominar a natureza material, porém estamos sob suas rigorosas leis. Somente o ato de cantar o mantra “Hare Krishna Hare Krishna Krishna Krishna Hare Hare/ Hare Rama Hare Rama Rama Rama Hare Hare” pode despertar a consciência pura e original. Para a tradição Vaishnava, o maha-mantra origina-se diretamente da plataforma espiritual e é indicado como ferramenta para a elevação da consciência a Deus.

Nesse momento, aprofundamos e direcionamos a explicação sobre o Vaishnavismo para uma de suas características fundamentais: o vegetarianismo. Os devotos Vaishnavas são lacto-vegetarianos, isto é, consomem leite e seus derivados, mas não se alimentam de nenhum tipo de carne nem ovos. A alimentação vegetariana está ligada ao processo de Bhakti-Yoga, o serviço devocional a Deus. Os alimentos, antes de serem ingeridos pelos devotos devem

ser oferecidos ao Senhor Krishna, que aceitando a devoção da oferenda, espiritualiza o alimento e purifica o devoto. O alimento oferecido à Krishna é chamado de *prasadam*. No verso 26 do capítulo 9 do Bhagavad-gita, Sri Krishna afirma “se uma pessoa Me oferecer com amor e devoção uma folha, uma flor, frutas ou água, Eu aceitarei.” Sri Krishna diz também:

Os devotos do Senhor se liberam de toda a classe de pecados porque comem alimentos que são primeiro oferecidos em sacrifício [oferecidos ao Senhor]. Os demais, que preparam os alimentos para gozo pessoal dos sentidos, em verdade só comem pecado. (BHAGAVAD-GITA, Cap. 3, verso 13).

Para o Movimento Hare Krishna o leite é considerado sagrado, pois um dos passatempos transcendentais de Krishna é o pastoreio de vacas. Quando veio à terra Krishna exibiu esses passatempos em Vrindavana na Índia. O argumento Vaishnava afirma que a vaca produz mais leite do que o bezerro necessita então o excesso é considerado alimento para o ser humano. Outra questão é a idéia de que o leite é essencial para o cérebro no que diz respeito à compreensão do conhecimento espiritual. Prabhupada (1983), explicando o significado do sétimo verso, do capítulo 5, do terceiro canto do Srimad Bhagavatam diz: “O Leite da vaca é particularmente essencial para o desenvolvimento dos tecidos mais refinados do cérebro humano, de modo que se possa compreender o complexo conhecimento transcendental.” Portanto na consciência de Krishna é muito importante a proteção às vacas, que vivem soltas e no ambiente natural.

Durante a explicação sobre o movimento Hare Krishna apresentamos também imagens e fotos de devotos, do mestre Prabhupada, de Caitanya e de Krishna. Durante a exibição das imagens os alunos demonstraram grande espanto devido às vestimentas dos devotos, geralmente, largas, açafroadas e produzidas de maneira artesanal. O fato dos devotos rasparem a cabeça preservando apenas um tufo de cabelos ou o uso de *tilak* (uma espécie de argila) na testa também causou estupefação entre os alunos. Procuramos direcionar o debate gerado na sala de aula rumo à questão do vegetarianismo praticado pelos devotos. Nesse momento, os alunos demonstraram certa estranheza quanto a esse fato e manifestaram não compreender as motivações que levam um ser humano a não comer carne.

Direcionamos a turma a refletir sobre as motivações que os levavam a consumir carne, se essas eram naturais ou culturais. Perguntamos também como eles achavam que seria a reação de um devoto indiano, vegetariano desde o nascimento, se viesse a conhecer nossa cultura onívora. Buscamos, assim, seguir uma linha de raciocínio que levasse os alunos a compreender que muitas vezes o que tomamos como natural é resultado da cultura. Que ao estranharem as práticas vegetarianas dos devotos precisam também lançar um olhar de desnaturalização sobre o seu hábito onívoro. Dessa forma, constitui-se o exercício de alteridade proposto para a oficina, conhecendo e compreendendo outras culturas, modificamos nosso olhar sobre nós mesmos.

Para instigar a reflexão acerca do tema iniciamos a exibição do documentário *A carne é fraca*⁵ do instituto Nina Rosa, que aborda os impactos e conseqüências do consumo de carne no meio ambiente, na vida dos animais e na saúde humana. Enquanto o documentário era exibido o debate ia se configurando e ocorreu uma intensa participação dos jovens, que mostraram grande interesse sobre o tema e afirmaram nunca ter refletido com profundidade sobre o assunto.

O documentário *A Carne é Fraca* conta com a participação de inúmeros profissionais que debatem e expressam sua opinião sobre o assunto. Entre eles estão o ex-pugilista Éder Jofre, os jornalistas Dagomir Marquezi, Washington Novaes e Flavia Lippi, a socióloga Marly Winckler, presidente da Sociedade Vegetariana Brasileira, a veterinária Rita de Cássia Garcia além de médicos, pediatras, técnicos ambientais, promotores, professores, entre outros.

O primeiro argumento desenvolvido no documentário diz respeito aos impactos ambientais resultantes da criação de animais para o consumo humano causando um grande desequilíbrio na natureza. O número de animais vem crescendo cada vez mais assim como as áreas para criá-los e também a quantidade de água usada na criação. A pecuária, então, tem grande responsabilidade sobre o desmatamento das florestas nativas do Brasil. Outro problema é a infiltração nos lençóis freáticos e aquíferos subterrâneos de substâncias usadas nos animais como hormônios e antibióticos, além de seus dejetos.

⁵ Documentário “A Carne é Fraca” produzido pelo [Instituto Nina Rosa](#) trata dos impactos que o ato de comer [carne](#) representa para a [saúde humana](#), para os [animais](#) e para o [meio-ambiente](#). Disponível em www.youtube.com, acesso em 25/05/12.

Outro ponto importante é a quantidade de água usada para se produzir carne. O documentário nos mostra que para produzir um quilo de carne de boi são necessários 15.000 litros de água e para produzir um quilo de cereal precisa-se apenas de 1.300 litros. Outro problema é o CO₂ emitido pelas queimadas, principalmente na Amazônia, para o avanço da agropecuária e o gás metano, que é mais tóxico que o CO₂, o qual os bovinos liberam na atmosfera. O sistema capitalista e o agronegócio também são criticados, a exportação de carne e de produtos como a soja, por exemplo, traz grandes problemas ambientais e sociais. Nesse momento os alunos demonstraram bastante interesse e curiosidade e ficaram surpresos ao tomarem conhecimento desses impactos ambientais que o consumo de carne implica.

Posteriormente inicia-se o ponto de vista sobre o direito da vida dos animais, que possuem sensibilidade e sentem dor igual aos seres humanos. Há cenas fortes de como os animais são criados; são maltratados nos matadouros e frigoríficos sem nenhum respeito pela vida do animal. O filme revela cenas chocantes de frigoríficos, granjas e matadouros; mostra desde a criação até o abate e abre espaço para a reflexão acerca da compaixão, do amor, respeito, ética e não-violência.

Em granjas as galinhas ficam presas em gaiolas e devido ao stress se tornam canibais, por isso, os bicos dos filhotes são cortados evitando que se biquem no futuro. Os bovinos também sofrem muito, pois são criados em pequenos espaços e na maioria dos matadouros são mortos por uma pistola que entra e sai da cabeça do animal, logo depois é sangrado ainda vivo para depois tirarem as partes. Quando está no corredor do abate o bovino volta, pois sabe que vai morrer logo adiante, fica desesperado, com taquicardia e aumento da pressão arterial, entre outros sintomas de stress. Os peixes também sentem dor, morrem por asfixia ou descompressão quando são tirados da água. Nesta parte do vídeo, grande parte dos estudantes mostrou seu choque e indignação com as cenas assistidas, alguns chegaram a chorar durante a exibição das atrocidades cometidas contra os animais e muitos comentaram sua reflexão devido ao fato de nunca terem pensado sobre o processo ocorrido por detrás das bandejas de carne compradas em supermercados e açougues.

Ainda no documentário A Carne é Fraca, a professora de ética e filosofia política da UFSC, Sonia T. Felipe, diz que quem consome produtos à base de animais mortos contribui com toda a matança e sofrimento para dar lucro a alguns empresários. Outro problema grave é o teste de produtos em animais que causa muita dor e sofrimento neles. A última parte do documentário se dedica à comida vegetariana e os impactos da ingestão de carne na saúde humana. Hoje muitas pesquisas científicas já comprovam os malefícios de uma dieta carnívora, mas mesmo assim muitos profissionais, médicos e nutricionistas insistem que é necessário consumir carne, reproduzindo uma idéia já ultrapassada e compactuando com esse sistema injusto em que vivemos.

Do ponto de vista físico o ser humano é frugívoro, ou seja, um comedor de frutas, que complementa sua dieta com verduras, legumes, castanhas, entre outros alimentos naturais. A carne é ácida e continua se decompondo dentro do organismo. Há estudos que apontam a carne como grande causadora de câncer, principalmente no estômago além de causar uma série de outras enfermidades. Quanto à questão da proteína, o que há na carne é o excesso delas, o que pode causar problemas renais. Há proteínas suficientes nos alimentos vegetarianos e matar animais para comer é totalmente desnecessário sob todos os aspectos. Aqui os alunos tiveram a possibilidade de conhecer uma nova forma de alimentação que os levou a desnaturalizar a alimentação convencional baseada em carne de animais, que até então era considerada por eles um hábito natural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa participação na III Jornada de Humanidades do colégio Aplicação realizada nos dias 2 e 3 de maio de 2011, cujo tema foi “Inclusão/exclusão e juventude(s)”, propiciou-nos uma rica experiência concernente à prática docente. Tivemos a oportunidade de aplicar o conhecimento adquirido e elaborado no interior da universidade de maneira didática e dinâmica. Trabalhamos o conceito de alteridade elaborado por Laplantine a partir de uma adaptação do texto de Horace Miner. Pela participação e reação dos estudantes do 1º ano do ensino médio,

supomos que nosso objetivo tenha sido alcançado. Acreditamos ter feito com que os alunos refletissem sobre a importância da necessidade de se praticar o exercício da alteridade, do estranhamento e da desnaturalização no contato com outro.

Para ilustrar e exercitar o conceito de alteridade apresentamos aos alunos, a partir da metodologia da Ciência da Religião, o Movimento Hare Krishna. Essa prática religiosa originária da Índia possui características bastante peculiares e diferentes dos padrões ocidentais. A partir dessa apresentação acreditamos ter induzido os alunos a praticar o estranhamento e a partir de um primeiro olhar, de espanto e questionamento, partirem para um olhar de reconhecimento e aceitação em relação à cultura do outro.

Analisamos também o documentário *A carne é fraca*, do instituto Nina Rosa que mostra os impactos do consumo de carne no meio ambiente, na vida dos animais e na saúde humana. Com o documentário presumimos ter provocado em grande parte dos alunos a desnaturalização em relação a um hábito considerado por eles como natural. Nesse sentido, a partir da participação e manifestações dos estudantes, cremos que despertamos no decorrer da oficina a percepção de que “o conhecimento da nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento de outras culturas” e que até aquilo que nos é mais evidente, corriqueiro e familiar, evidencia reflexos de um processo cultural. Esperamos que a partir dessa oficina suas práticas e condutas possam refletir os momentos que experienciamos juntos e o respeito e a compreensão inclusiva do outro possa se fazer presente em seus cotidianos, pois, como afirma Laplantine (2006), “presos a uma única cultura ficamos cegos às outras e míopes em relação a nossa”.

REFERÊNCIAS

- BHAGAVAD-GITA. Tradução e comentários de A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. **Bhagavad-gita Como Ele é**. São Paulo BBT, 1995.
- BHAGAVATA PURANA. Tradução e comentários de A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. **Srimad-Bhagavatam**. São Paulo: BBT, 1995, 19 volumes.
- GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é ciência da religião?** São Paulo: Paulinas, 2005.
- LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2006. p 13 – 24.
- LARAIA, Roque. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: ed. Jorge

Zahar, 1997.

MINER, Horace – Ritos corporais entre os Nacirema, (adaptado para o português), in: RONNEY, A . K e VORE, P.L. – Dou and Others. Readings in **introductory Anthropology**, Cambridge, Winthrop Publishers, 1973.

PRABHUPADA, A. C. Bhaktivedanta Swami. **A ciência da auto-realização**. São Paulo: Editora B.B.T., 1995.

_____. **Cante e Seja Feliz**. São Paulo: Editora B.B.T., 1983. Entrevista concedida a Mukunda Goswami.

_____. **Civilização e Transcendência**. São Paulo: Editora B.B.T., 2010.